

## EDITORIAL

Este número da Revista Brasileira de Filosofia da Religião traz a maior parte dos textos apresentados por participantes da reunião de trabalho do projeto “Deus e religião – um diálogo entre diferentes abordagens”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião da UnB, com apoio da FAP-DF. A reunião aconteceu na Universidade de Brasília entre 10 e 12 de abril de 2019 e contou com pesquisadores do Brasil, Argentina, Colômbia e Portugal. Como o próprio nome do projeto diz, os textos que veremos aqui se propõem a tratar desses dois temas centrais da área de um modo diverso, mas dialogante. Além dessa unidade na diferença, o presente volume pode ser lido também como formando três blocos principais de textos. Um primeiro grupo trata da filosofia de Kierkegaard, um dos mais importantes filósofos da história ligados à religiosidade. Um segundo bloco de textos e o maior de todos traz principalmente a visão da fenomenologia e hermenêutica, segundo a abordagem de diferentes pensadores dessa corrente da filosofia atual. Por fim, teremos três textos tratando do assunto de um ponto de vista epistemológico.

No primeiro artigo, Jonas Roos (Universidade Federal de Juiz de Fora) trata do conceito de religião a partir de três temas abordados por importantes obras da filosofia de Kierkegaard. Entendendo-se a religião como a tentativa de relação entre o finito e o Infinito, Roos propõe lidar com ela a partir do pensamento do filósofo dinamarquês em vista de três noções que abarcam três aspectos do nexos entre finitude e infinitude: a ruptura pelo desespero, a reconexão pela fé e a união pelo amor. A partir dessas três noções emergiria um conceito de religião que exprime o paradoxo e a profundidade existencial dessa relação.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

O artigo de Márcio Gimenes (UnB), que vem em seguida, também parte de Kierkegaard para aprofundar a compreensão de um conceito importante na filosofia da religião, mas ainda pouco estudado, o de paganismo. Além desse interesse no próprio conceito, o artigo defende que se trata de um tema que, ao perpassar algumas das principais obras do dinamarquês, pode ser uma chave importante para compreender o pensamento desse filósofo, que frequentemente traz elementos da filosofia antiga, como a ironia socrática, para pensar a religião em tempos muito diferentes dos da antiguidade.

O volume continua com um texto de Marcos Aurélio Fernandes, também do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião da UnB e coordenador do projeto junto à FAP-DF. Tal como o anterior, seu texto faz uma ligação entre a filosofia da antiguidade e o contexto contemporâneo. O artigo propõe uma leitura de *As Confissões* de Santo Agostinho a partir de uma chave fenomenológico-hermenêutica. Agostinho – que não por acaso é autor da epígrafe do texto anterior, sobre o paganismo – escreve uma das obras mais importantes da filosofia ocidental em primeira pessoa e tenta ler sua própria vida (e a realidade como um todo) à luz da revelação da fé. Trata-se certamente de um exercício hermenêutico e por essa e outras razões, Marcos Aurélio vai relacionar essa obra de Agostinho com a tradição fenomenológico-hermenêutica de Heidegger. Ainda que separadas por séculos e por mundos muito diferentes no tocante à recepção da fé cristã, o artigo mostra de uma maneira até surpreendente o quanto Agostinho e a filosofia de inspiração heideggeriana estão mais próximas do que se poderia imaginar.

A abordagem fenomenológico-hermenêutica continua no artigo de Renato Kirchner (PUC Campinas), que se segue. Com a imprescindível ajuda das ideias de Heidegger e do muito-mais-claro e não-menos-profundo Ortega y Gasset, o texto trata de um tema fundamental na filosofia da religião, a morte – algo tão presente entre nós, especialmente nestes tempos de pandemia do vírus Covid-19. Para o filósofo alemão, o homem é um ser-para-a-morte, mas isso não é razão para desespero. Sem mencionar Deus e religião explicitamente, mas tendo-os como paradoxal “presença oculta” constantemente evocada, o trabalho convida a uma reflexão profunda sobre esse evento inevitável, marcante e que, no fim das contas, confere sentido a nossas vidas.

Ainda na linha do pensamento inspirado em Heidegger, o texto de Angel Garrido-Maturano (CONICET – Argentina) traz as ideias de um dos maiores filósofos da religião do século XX, Bernhard Welte. A partir dele e de Kierkegaard, Garrido-Maturano propõe refletir sobre a distância entre a religião como experiência autêntica do Mistério e suas mediações institucionais, tal como ela concretamente se configura na vida cotidiana objetiva. Trata-se de uma tensão entre a interioridade e a exterioridade da vida religiosa que é central para se entender esse modo de existir humano, pois se não há como se relacionar com o Mistério (não importa se meramente suposto ou se real) senão por meio de objetos como ritos, escrituras e comunidades, esses objetos não esgotam essa relação e por vezes a impedem. Esse fenômeno no qual as mediações objetivas impedem ao invés de possibilitar o acesso ao Mistério é o que Garrido-Maturano chama de *desenciación*, e conclui seu artigo com uma reflexão instigante acerca de possíveis atitudes que podem servir de ponte (que ele chama de “critérios” ou “postulados”) entre a religiosidade autêntica e suas mediações.

O último dos textos do bloco fenomenológico do presente volume foi escrito por Germán Vargas (Universidad Pedagógica Nacional – Colômbia) e parte das ideias de Edmund Husserl para lançar luz sobre o fenômeno da vivência de Deus e o processo de significação que daí decorre, característico da religião. Após uma reflexão apoiada nas ideias do jovem filósofo alemão Markus Gabriel acerca do realismo, Vargas chega à noção de “campo de sentido” e se volta então para as teses de Husserl acerca de Deus como experiência pessoal humana, especialmente com base nas ideias desse último acerca da fantasia. Mesmo que não tomemos Deus como uma realidade metafísica independente – em vista das críticas de Gabriel ao realismo tradicional – a noção husserliana de fantasia pode ajudar a entender a experiência religiosa humana como constituindo um campo de sentido fundamental. Seria Deus um mero fantasma fantástico ou um fenômeno? O texto de Vargas sugere uma superação dessa dicotomia de um modo que vale a pena ser conferido pelo leitor.

O artigo seguinte é o primeiro dos que denominei “bloco epistemológico” do presente dossiê de nossa revista, mas não espere o leitor uma ruptura muito clara em relação ao que vinha sendo discutido antes. Não só o texto anterior já tratava de temas relativos à cognição, ainda que do ponto de vista fenomenológico, mas este que se segue,

do compatriota de German Vargas, Carlos Miguel Gómez (Universidad del Rosario – Colômbia) vai também no sentido de uma crítica da associação entre fé religiosa e pressupostos absolutos. Mas Carlos Miguel segue outro caminho, com outros referenciais teóricos. Seu objetivo é pôr em questão a concepção comumente chamada de “fideísta” na epistemologia da religião contemporânea e diferenciá-la do que ele propõe ser propriamente a fé religiosa. O texto assinala várias distinções entre fé religiosa e pressupostos absolutos tácitos, indo no sentido contrário ao de uma epistemologia da religião de inspiração wittgensteiniana principalmente. De um modo que pode parecer inusitado a muitos, o autor defende um papel crítico para a fé, muito ao contrário da tradicional associação ao dogmatismo.

Provavelmente não há nada mais tradicional na filosofia da religião do que a discussão de argumentos sobre a existência de Deus. O artigo de Domingos Faria (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa – Portugal) dá continuidade a essa tradição, mas se arrisca a uma inovação. Ele propõe uma retomada do chamado argumento ontológico sobre a existência de Deus que praticamente o transforma inteiramente. Desde suas primeiras versões no *Proslogio* de Anselmo de Cantuária, no século XI, um dos grandes problemas desse argumento era passar da possibilidade da existência de Deus para a sua necessidade. Com o desenvolvimento da lógica modal moderna e da semântica de mundos possíveis, amplamente desenvolvidas a partir da segunda metade do século XX, a questão da relação entre possibilidade e necessidade passou a ser discutida em outro plano. O artigo de Faria percorre algumas tentativas famosas de fundamentar o argumento em termos a priori, usando diferentes sistemas de lógica modal e mostra que o problema então passa a ser o de justificar a premissa da possibilidade da existência de Deus. Em um movimento que vai no sentido contrário ao da tradição, o artigo propõe resolver esse problema por meios indutivos ou probabilísticos, usando inferências pela melhor explicação. O resultado seria uma inclusão de elementos a posteriori no mais tradicional dos argumentos a priori sobre a existência de Deus.

O último artigo do dossiê é de minha autoria. A proposta é explorar a relação entre religião, conservadorismo e inteligência. O conceito de conservadorismo será entendido em dois sentidos básicos: um prático, relativo a ações com base em valores que se entende merecerem preservação, e um epistemológico, que diz respeito a que atitude tomar como ponto de partida em relação à crença prévia em uma tese. Os dois sentidos de

conservadorismo serão associados à discussão filosófica sobre a religião e servem para pensar a relação entre essa e a inteligência. A ideia é apresentar um argumento em favor da filosofia da religião como área do conhecimento filosófico capaz de unificar, como nenhuma outra, vários temas importantes da discussão conceitual de fundo, ao mesmo tempo em que mantém uma unidade temática.

Essa capacidade agregadora dos grandes temas da filosofia que a filosofia da religião oferece está bem exemplificada nos textos que compõem esse dossiê. Apesar de serem bem diversos, eles formam um interessante encadeamento de ideias, podendo cada artigo ser lido como um diferente capítulo de um único volume.

Universidade de Brasília, 18 de abril de 2020,

### **Agnaldo Cuoco Portugal**

Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB (PPG-FIL/UnB)

**Email:** [agnaldocp@unb.br](mailto:agnaldocp@unb.br)

